

Corpas em Suspensão: Tempo, Gênero e Reinvenção em corporalidades circenses

Tania Marín Pérez¹

RESUMO

Neste artigo compartilho uma primeira aproximação teórica de uma pesquisa que estou iniciando, na qual investigo as transformações da corpa no circo contemporâneo a partir da perspectiva dos feminismos decoloniais. Através de uma abordagem autoetnográfica, reflito sobre o envelhecer na acrobacia aérea, explorando como o tempo pode ser habitado como potência criativa. Três eixos de reflexão orientam minha investigação: tempo, gênero e reinvenção. Busco analisar como as corporalidades acrobatas — especialmente mulheridades e dissidências — vivem e resistem às normatividades impostas à longevidade artística e ao desempenho físico. Minha metodologia entrelaça prática corporal, memória e mediação tecnológica, em busca de caminhos para persistir, transformar e ressignificar o fazer artístico. Este texto é também um convite: escrevo como quem envia uma carta, abrindo um espaço de diálogo sensível sobre as marcas do tempo, os medos e as potências que atravessam minha trajetória e, talvez, também a de quem lê.

Palavras chave: corpa; acrobacia aérea; envelhecimento; gênero; feminismos decoloniais.

RESUMEN

En este artículo comparto una primera aproximación teórica a una investigación que estoy comenzando, en la que indago las transformaciones del cuerpo en el circo contemporáneo desde la perspectiva de los feminismos decoloniales. A través de un enfoque autoetnográfico, reflexiono sobre el envejecimiento en la acrobacia aérea, explorando cómo el tiempo puede ser habitado como una potencia creativa. Tres ejes de reflexión orientan mi recorrido: tiempo, género y reinención. Pretendo analizar cómo las corporalidades acróbatas —especialmente las mujeridades y disidencias— viven y resisten las normatividades impuestas a la longevidad artística y al rendimiento físico. Mi metodología entrelaza práctica corporal, memoria y mediación tecnológica, en busca de caminos para persistir, transformar y resignificar el hacer artístico. Este texto es también una invitación: escribo como quien envía una carta, abriendo un espacio de diálogo sensible sobre las marcas del tiempo, los miedos y las potencias que atraviesan mi trayectoria y, tal vez, también la de quien lee.

Palabras clave: cuerpa; acrobacia aérea; envejecimiento; género; feminismos decoloniales.

¹ Artista uruguaia, acrobata e docente. Licenciada em Letras, Arte e Mediação Cultural; Mestre em Estudos Interdisciplinares da América Latina (UNILA) e Doutora em Artes Cênicas (UFBA). É artista de circo e professora de acrobacia aérea há mais de 15 anos. Atualmente, atua como docente na carreira de formação de professores em artes do SODRE. Trabalha na interseção entre corporalidades, novas tecnologias e feminismos decoloniais, integrando saberes acadêmicos com práticas circenses. Coordena projetos cênicos transdisciplinares no Uruguai e no Brasil, e participou de festivais, congressos e publicações no Uruguai, Argentina, Brasil, Equador e Canadá. Contato: marin.pez@gmail.com

INTRODUÇÃO

As corporalidades circenses destacam-se por suas habilidades acrobáticas, desafiando limites físicos e explorando a potência das corporalidades em movimento. No entanto, essas mesmas habilidades, construídas ao longo de anos de prática, são atravessadas por constantes transformações inerentes ao tempo. Aos 39 anos, caminhando para os 40, percebo como as formas de treinar, a intensidade e os objetivos também se transformam, acompanhando as mudanças corporais e a percepção do próprio fazer artístico. Sinto todos os dias a passagem do tempo. Mas essa sensação não é só negativa. Ao mesmo tempo em que minha lombar dói, minha corporalidade se sente forte e minhas ideias fermentam. Novas necessidades surgem junto com novos medos, numa corpa² que habito desde sempre — mas que nunca é a mesma.

Este trabalho é uma primeira aproximação teórica dentro de uma pesquisa em andamento que pretende culminar em uma construção cênica a partir das linguagens do circo contemporâneo com mediação tecnológica. A proposta central é refletir sobre como a acrobacia aérea pode se tornar um espaço de resistência e reinvenção, analisando o envelhecer a partir da perspectiva dos feminismos decoloniais. Através de uma abordagem autoetnográfica, discuto as marcas do tempo na corpa circense, questionando normatividades impostas ao desempenho físico e às narrativas sobre a longevidade artística.

Minha corporalidade, em constante transformação, carrega consigo uma renovação contínua das possibilidades estéticas. Isso não é novo — é uma característica da vida toda. A partir dessa percepção, três eixos emergem como pilares a serem aprofundados:

1. o tempo (enquanto elemento percebido, habitado e experimentado na corporalidade),

² Sobre o uso do termo “corpa”: “Este termo refere-se àquela corporalidade que, como será explorada ao longo deste capítulo, é uma entidade viva que se desenvolve no mundo em movimento e interage com ele. A feminização do termo não é uma invenção minha; ela ecoa nas ruas, aparece em canções, conversas, trabalhos acadêmicos, artigos e livros, assim como na vida cotidiana de muitas pessoas. A decisão de utilizá-lo e distingui-lo da palavra “corpo” (que é utilizada aqui algumas vezes quando se fala especificamente do corpo material e da estrutura fisiológica) possui um objetivo político: aproveitar as possibilidades da linguagem para destacar que existem diversas corporalidades com diferentes direitos e atribuições. Além disso, ressalta que as corporalidades femininas e não hegemônicas sofrem uma série de violências enraizadas nas sociedades que habitamos.” (PÉREZ, 2023, p. 77)

2. o gênero (enquanto um fator que gera e habilita experiências na temporalidade totalmente diferenciadas),

3. a reinvenção (enquanto possibilidade e necessidade).

Uma das principais dificuldades em abordar a temática do tempo é o silenciamento — já que ela toca elementos sensíveis para todos nós como a proximidade da morte (nossa ou das pessoas ao redor), a imagem que projetamos no mundo, como a sociedade nos vê, as perspectivas sobre o que deveríamos ser ou que seria agir de forma “adequada” à nossa idade. Encarar essa problemática a partir de uma perspectiva artística e sensível é necessário para habitar a mudança corporal não só racionalizada, marcada pelo medo ou pelo declínio, mas como uma abertura à renovação das possibilidades.

Entre técnica, memória e criação, esta investigação busca revelar modos de persistência, transformação e ressignificação da performance, desafiando noções hegemônicas sobre gênero e envelhecimento. A análise entrelaça pesquisa teórica e prática, onde o universo acrobático se torna território de experimentação e expressão das potências que o tempo imprime nas corpos de mulheridades acrobatas.

Com esse objetivo, escrevi esta ignição inicial a partir da qual comecei a mergulhar na pesquisa: *“O tempo e a corpa são e estão entrelaçados. Um e outra se desenvolvem em conjunto, de forma que as marcas do tempo podem ser habitadas como potência criativa.”*

Este trabalho busca analisar, a partir de uma perspectiva artística, como as corporalidades acrobáticas — especialmente as mulheridades e dissidências circenses — transitam esse caminho que é a vida humana.

Nas próximas páginas irei apresentar os eixos mencionados acima e a situação atual da proposta artística. Assim, este texto também é um convite a quem está lendo: como se fosse uma carta, responda-me. Conte-me suas experiências, recomende leituras e danças, ou reflita comigo se essa problemática também te atravessa.

1 – TEMPO amigo-inimigo

A pesquisa aqui apresentada é uma aproximação às mudanças e transformações vividas pelas corporalidades — particularmente no universo do circo contemporâneo — ao longo do tempo, na tentativa de potencializar as possibilidades de reinvenção. Nesse

sentido, estas palavras do filósofo espanhol Paul Preciado condensam grande parte da encruzilhada em que me encontro atualmente:

O pianista Glenn Gould dizia que existiam dois tipos de músicos: os virtuosos, para quem o piano se torna um fim em si mesmo, e aqueles para quem o instrumento é simplesmente a interface através da qual nossa materialidade sensorial encarnada acessa a esfera da música, produzindo um som, criando uma melodia que jamais foi ouvida antes de ser interpretada. O músico virtuoso alcança a reprodução excelsa do cânone em raras ocasiões, e o envelhecimento ou a doença de seu corpo inevitavelmente garantem a falha. No entanto, para o segundo tipo de músico, a constante transformação do corpo e de seu agenciamento com o instrumento não representa senão a renovação das possibilidades estéticas. (PRECIADO, 2020, p. 29)³

Será que são dois opostos mesmo ou será que uma mesma pessoa pode ser um ou outro músico nas distintas etapas da vida?⁴ De artista circense, no meu caso.

Ao me deparar com a ideia de pesquisar essa temática, meu primeiro impulso foi procurar bibliografia. Imaginei que encontraria muitas pesquisas que abordassem a corporalidade viva e a reinvenção a partir de perspectivas novas, com o olhar aberto e ressignificando o passar do tempo. O que encontrei, no entanto, não atendeu às minhas expectativas — em parte me desconcertou, e também me entristeceu.

Embora o tempo seja um tema amplamente tratado por diversas culturas e áreas do conhecimento — da filosofia à física, da biologia às artes⁵ —, o que encontrei na literatura contemporânea foi, majoritariamente, uma narrativa centrada no declínio.

³ Tradução própria. Texto Original: “El pianista Glenn Gould decía que había dos tipos de músicos: los virtuosos, para los que el piano se convierte en un fin en sí mismo, y aquellos para los que el instrumento es simplemente la interfaz a través del que nuestra materialidad sensorial encarnada accede a la esfera de la música, produciendo un sonido, creando una melodía que nunca ha sido oída antes de que sea interpretada. El músico virtuoso alcanza la reproducción excelsa del canon en escasas ocasiones, y el envejecimiento o la enfermedad de su cuerpo garantizan irremediabilmente el fallo. Sin embargo, para el segundo tipo de músico la transformación constante del cuerpo y de su agenciamento con el instrumento no supone sino la renovación de las posibilidades estéticas.” (PRECIADO, 2020, P. 29)

⁴ De alguma forma, essa encruzilhada me acompanha desde tempo atrás colocando em foco a fricção entre o treino técnico e o trabalho expressivo, trazendo a necessidade de decidir por priorizar um ou outro a cada momento.

⁵ Na filosofia, um exemplo clássico é Immanuel Kant, que no século XVIII descreve o tempo e o espaço como categorias da percepção humana. No século XX, Henri Bergson distingue o tempo cronológico do tempo vivido da experiência. Na física clássica do século XVII, Newton propõe a noção de tempo absoluto, enquanto, no século XX, Einstein introduz o conceito de relatividade do tempo. As ciências biológicas reconhecem o tempo por meio das mudanças nas estruturas vivas ao longo dos ciclos vitais. Já nas artes cênicas, o tempo pode responder a lógicas estéticas ou narrativas próprias, escapando das normas cronológicas externas ao ser inserido em categorias diferenciadas de experiência.

Eu já sabia que o discurso hegemônico associa o tempo ao desgaste. Mas mesmo assim, ler uma e outra vez sobre cansaço, falhas, discriminação e perdas me causou um desconforto profundo. Onde estavam as experiências que olham para o tempo com desejo, como espaço de reinvenção e não apenas de desaparecimento?

Reconstruir no tempo o amor e a aceitação das transformações corporais torna-se essencial — assim como encontrar formas amáveis de treinar, respeitar e cuidar dos novos limites que surgem. É preciso abraçar as novas formas de olhar para a temporalidade e como a habitamos. Um elemento que aparece forte nestas reflexões e é um fator que afeta a experiência do tempo é o gênero, segundo pilar deste trabalho, apresentado na próxima seção.

2 – GÊNERO: corpos hierarquizados

O tempo não é igual para todas as pessoas. O gênero de cada quem afeta profundamente as formas pelas quais o tempo é percebido e experienciado na corporalidade. Esse fator organiza e hierarquiza as vidas dentro da sociedade, colocando no topo as masculinidades cisheteronormativas — e todas as outras formas de existência são empurradas para baixo na escala social, priorizando ou atacando uma ou outra, segundo as necessidades do momento.

Existe alguma produção de pensamento sobre como as mulheres vivem o envelhecimento, embora majoritariamente focada em mulheridades cisgênero, brancas, de classes médias ou altas. Há pouca atenção às experiências de dissidências, afrodescendentes, indígenas, migrantes ou pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Um exemplo disso aparece no trabalho de Vanessa Martines Cepellos, pesquisadora da área de administração. Seu estudo analisa a feminização do envelhecimento no contexto empresarial e repete uma série de palavras e imagens que encontrei em muitos outros textos sobre o tema: mulheres como mais frágeis, mais afetadas pelo declínio físico do que os homens, mais expostas ao desempoderamento, à invisibilidade e à solidão. Embora trate especificamente de mulheridades cis heteronormativas e de áreas específicas como o âmbito empresarial, o vocabulário usado ecoa padrões recorrentes em diversas áreas — padrões que, longe de problematizar o discurso hegemônico, acabam por reforçá-lo.

as mulheres encaram inúmeros desafios ao longo do processo de envelhecimento, ou seja, como lidar com a aparência, com as

percepções sobre suas habilidades técnicas e comportamentais, além de serem questionadas por seus conhecimentos e experiências. A discriminação ocorre tanto por homens quanto por mulheres mais jovens, demonstrando a complexidade do fenômeno. (CEPELLOS, 2021)

Essas questões afetam e modificam diretamente nossas subjetividades, nossas corporalidades, nossas formas de ser e estar no mundo. Entre as principais mudanças destacadas por estudos sobre o envelhecimento as mais recorrentes são: cansaço, menopausa, rugas, cabelos brancos e dores musculares do lado físico; e do lado social silêncio, discriminação, desempoderamento, empobrecimento, solidão e medo. Sabemos que aquilo que as ciências e os discursos imperantes dizem sobre nós influencia a forma como nos enxergamos. Mas será que é só isso que pode ser destacado na passagem do tempo pelas corpas? Longe de considerar desnecessários esses trabalhos, considero que precisam ser complementados com análises de elementos positivos que emergem do tempo.

Essa necessidade está ainda mais longe do pensamento da realidade LGBTQIA+, espaço marcado sobretudo pelo silêncio. Esse silêncio pode estar relacionado às expectativas de vida drasticamente curtas de gerações anteriores. Em particular, poucas pessoas transgênero conseguiram chegar à velhice. Isso torna impossível e irrelevante pensar em refletir sobre como essas corporalidades habitam o envelhecimento nas artes. Nas palavras da pensadora e influencer Rita Von Hunty numa entrevista:

Nós LGBTQToas, vias de regra... Eu faço parte, amiga, da primeira geração brasileira LGBTQ que vai chegar na velhice. A geração antes de mim tem o giro mortal da AIDS, a geração antes tem a ditadura, a geração antes... Essa, nascidos no final dos 80 e inícios dos 90, é a primeira geração, não um ou outro sobrevivente, que vai chegar na velhice. E quando nossa vida não for mais sexo, drogas e rock and roll, que é o que é vendido como vida LGBTQ, que que a gente vai fazer? Quem vai cuidar da gente? Onde a gente vai morar? Com quem? Como? E quem vai vir visitar de domingo? Vai ter macarronada? Então que que é uma vida LGBTQ na terceira idade? (VON HUNTY, 2025)

As palavras de Rita Von Hunty colocam em destaque a importância de começar a pensar e trazer essas problemáticas na reflexão sobre o mundo que queremos habitar e construir já que está tudo para ser construído. Como habitar a diversidade ao longo do passar do tempo? No campo específico do circo, para mulheridades e dissidências acrobatas, o envelhecimento impõe desafios específicos — marcados por expectativas

sociais que associam juventude à potência, e que frequentemente invisibilizam corpos adultas na cena artística. Dentro deste contexto, a única possibilidade de sobrevivência é a reinvenção.

3 – REINVENÇÃO: metamorfoses ambulantes

Para o desenvolvimento, ao longo da vida, de práticas ou ofícios que colocam a corporalidade no centro, essas reflexões sobre o tempo ganham uma força particular. Minha experiência vem do circo, onde sou uma acrobata aérea chegando aos 40. Há algum tempo comecei a perceber mudanças nas minhas práticas, nas decisões estéticas, na consciência do meu movimento e no meu desenvolvimento artístico.

De forma complementar, observo ao meu redor como outros artistas que dedicaram anos ao treinamento e à criação cênica, com o passar do tempo, começam a desenvolver novas estratégias de vida, de construção artística e, também, de subsistência econômica. Eis algumas dificuldades comuns no contexto circense: ausência de direitos trabalhistas, contratos irregulares e temporários, necessidade de segurança — especialmente para pessoas com crianças sob sua responsabilidade —, fadiga, lesões musculares, dores nas articulações e mudanças nos ritmos corporais. Assim, muitas transformam sua trajetória profissional e buscam alternativas como o ensino, a gestão cultural ou a produção artística nos melhores casos, ou, muitas vezes, saindo das artes e procurando novos caminhos.

Apesar das dificuldades, vejo ao meu redor mulheres artistas que reinventam suas práticas (e suas economias) ao longo do tempo, adaptando-se às possibilidades que o entorno habilita para continuar nas artes. A reinvenção faz parte da trajetória de muitas pessoas que desenvolvem trabalhos nas artes do corpo — e assume uma intensidade muito visível nas práticas circenses.

Essas existências são experiência viva de como reinventar modos de subsistência em constante transformação. Ainda assim, é comum perceber que, com o tempo, muitas se afastam da cena como intérpretes para assumir outros papéis, menos visíveis ao público. A continuação coloco alguns exemplos de pessoas que reinventaram suas práticas sem se afastar das artes mas metamorfoseando as formas.

- *Virginia Alonso* – Foi acrobata aérea e professora de ensino médio. Hoje atua na universidade pública, pesquisando o circo e criando espaços para o circo na educação superior e média uruguaia, assim como também atua como criadora cênica dirigindo.

- *Camila Rodriguez* – Acrobata aérea. Artista que percorreu a América Latina com sua arte. Atua hoje como docente de tecido acrobático em espaços independentes e instituições; integra uma companhia de circo contemporâneo e um coletivo autogestionado que sustenta um espaço de circo referência em Montevideu.
- *Di Estradet* – Após anos de dedicação às acrobacias aéreas, hoje treina e ensina Acroyoga. Afastada da prática artística no palco, hoje atua também como docente de filosofia no ensino médio, área que abraçou ao longo do tempo e integra um coletivo autogestionado que sustenta um espaço de circo referência em Montevideu.

4 – POR UMA OUTRA NARRATIVA DO TEMPO

Minha prática artística está atualmente emaranhada nestes pensamentos, mas com uma certeza: **eu não quero voltar o tempo atrás nem lutar contra ele — quero dançar com ele**. Minha proposta não é romantizar o tempo, mas recusar a vergonha da sua passagem na corpa. Quero habitá-lo com desejo, com vontade de olhar desde esses novos olhos.

Como podemos habitar o tempo com desejo — e não com medo?

Transformações fazem parte da vida, e podem ser poéticas e criativas. O tempo traz novas formas de olhar para o mundo: deixamos para trás a surpresa constante da juventude e abraçamos perspectivas mais situadas, mais firmes, mais inteiras. Procuro defender a afirmação da corpa em transformação como espaço de vida.

Essa escolha me leva a outras perguntas:

Que narrativa queremos construir sobre nossas corpas no circo? Qual é o lugar da técnica? Que trajetórias e transformações surgem com o tempo? Que outras histórias podemos contar sobre a corpa e a passagem do tempo?

Essa pesquisa reflexivo-artística busca justamente isso: construir outros relatos sobre as corporalidades no tempo, através das linguagens do circo contemporâneo. Talvez o tempo não seja linear. Talvez seja um círculo ou uma espiral, ou uma linha ou várias linhas sem começo nem final nem direção organizada nem constante e em 3d. Como as trajetórias das corpas no ar, que se transformam a cada impulso, a cada balanço, a cada suspensão, o tempo se move muito além das conceptualizações que nós queiramos impor a ele.

Para trazer novas visões sobre o que é o tempo — e reconhecer as diversas visões, hegemônicas e subalternas — me baseio na intelectual brasileira Leda Maria Martins, particularmente em *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. A autora

propõe retomar formas de tempo não linear nem sequencial, mas ritmada e viva. Como ela escreve:

Antes de uma cronologia, o tempo é uma ontologia, uma paisagem habitada pelas infâncias do corpo, uma andança anterior à progressão, um modo de predispor os seres no cosmos. O tempo inaugura os seres no próprio tempo e os inscreve em suas rítmicas cinesias. (MARTINS, 2021, p. 12)

Essa perspectiva ecoa em minha prática. Habitar o tempo como instável, aceitar que ele vai, volta, enrola, retorna, dobra, dança — e que a corpa, como tela sensível, guarda nela traços desses caminhos. Como traduzir tudo isso em cena? Como fazer com que o tempo, o gênero e a reinvenção habitem o palco não apenas como ideias, mas como presença sensível através da construção de imagens com corpos em movimento? Algumas ferramentas e materiais emergem como elementos dos quais partir nesse processo criativo:

- **Cordas:** - de algodão - no chão e no ar, limites e sustentação, evocam o risco e a suspensão, marcam a tensão entre o que segura e o que prende.
- **Fumaça:** efemeridade, passagem, o tempo que escapa e dissolve o contorno das coisas. A materialidade efêmera da fumaça traz uma potência poética muito forte em relação ao tempo.
- **Projeções:** distintos pontos de vista simultâneos e convergência de temporalidades: presenças físicas e digitais, corporalidades e memórias.

Os dispositivos técnicos contam histórias: multicordas (aparelho aéreo), cordas no chão, trilha sonora, projeções em tempo real e imagens de arquivo serão ferramentas de fala nesta pesquisa. O movimento constante será analisado em suportes móveis para a projeção — incluindo a própria fumaça como superfície para imagens que vêm e vão, como o tempo. Desta forma pretendo abordar uma temática áspera desde a suavidade da poesia.

Poesia é tempo. Tempo como ritornelo, disperso em uma espacialidade rítmica.(MARTINS, 2021, p. 20)

5 - ALGUMAS REFLEXÕES

Ao longo destas páginas tentei colocar em ordem ideias que pulavam soltas pelo pensamento. Esse trabalho pertence a uma pesquisa que se encontra num estado muito inicial do processo, e organizar uma primeira aproximação ao pensamento em desenvolvimento é uma ação necessária para encaminhar o percurso a realizar no futuro.

Distintos caminhos irão se abrir em territórios que me são desconhecidos. Um caminho será o diálogo com pessoas do âmbito circense da cidade de

Montevidéu, com características etnográficas, a modo de conhecer distintas experiências, abordagens, dificuldades e potenciais do passar do tempo. Outro caminho será a pesquisa bibliográfica em áreas do conhecimento complementares, na procura de perspectivas não hegemônicas da temporalidade na corpa. E finalmente, o caminho da construção-pesquisa artístico-corporal e técnica⁶.

Esses caminhos não são separados, mas também não são o mesmo, não são paralelos nem seguem linhas constantes. Eles se entrecruzam, avançam, retrocedem, se espiralam, desaparecem e se reconstroem. Tomara que as palavras dessas páginas ressoem nas experiências de quem lê.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, Henri. **Duração e simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CEPELLOS, Vanessa Martines. Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muito além dos números. *PENSATA: Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 61, n. 2, p. 389–392, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/9GTWvFfzYFnzHKyBhqGPc4j/>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- EINSTEIN, Albert. **A teoria da relatividade: exposições mais acessíveis**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2001.
- PÉREZ, Tania Marín. **Circuito: corpas sudacas com mediação tecnológica no palco**. 178 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Orientadora: Ivani Lúcia Oliveira de Santana. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/39361?mode=simple> Acesso: 8jul.2025
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. Edição Kindle.
- NEWTON, Isaac. **Os Princípios Matemáticos da Filosofia Natural**. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- PRECIADO, Paul. **Manifiesto contrasexual**. Barcelona: Anagrama. 2020.
- Outras fontes**
- VON HUNTY, Rita. Entrevista no Podcast Louva a Deusa. Junho 2025. Resumo disponível em <https://www.instagram.com/p/DLdUedwPIBf/>
- Entrevista completa: <https://open.spotify.com/episode/05X2j3BfoFWPCcb1hXEacu?si=32CDzu0bQWeldYxpgJlyOg>

⁶ Uma primeira aproximação da pesquisa artística será abordada em setembro do ano 2025, numa residência artística em Buenos Aires, Argentina. Será focada só no Link: <https://www.instagram.com/p/DL-FX6ERdEi/> Acesso 23jul.2025